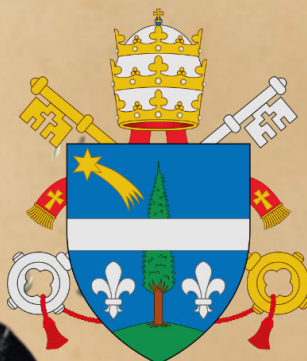


CARTA APOSTÓLICA
PELA QUAL
SUA SANTIDADE, O PAPA
Leão XIII

ELEVA À HONRA DA
SANTIDADE

O BEM-AVENTURADO

Antonio Maria Zaccaria
(*Fundador dos Clérigos Regulares de São Paulo & das Irmãs Angélicas de São Paulo*)



**Bula de canonização de
Santo Antonio Maria Zaccaria
(27 de maio de 1897)
“Dilectus Domini nostri”**

Bula de canonização de Santo Antonio Maria Zaccaria
(27 de maio de 1897) “Dilectus Domini nostri”
Tradução de Maria Lúcia Pereira Karam, Rio de Janeiro 2020

Aos Barnabitas, Angélicas, Leigos de São Paulo, Juventude zaccariana
e a todos os nossos amigos, comemorando 123 anos da Canonização de
Santo Antonio Maria Zaccaria.

Rio de Janeiro, 27 de maio de 2020

Capa e contra capa

Arte de José Carlos da Silva Vieira

Pastoral dos coroinhas e PASCOM Loreto



Barnabite Publications
P. Robert Kosek CRSP

Trata-se do convite-ingresso pessoal para a cerimônia de Canonização de nosso Fundador.

Bula de canonização de Santo Antonio Maria Zaccaria
(27 de maio de 1897)
“Dilectus Domini nostri”

Após um início bastante comum nas bulas de canonização, ou seja, a evocação da passagem do Apocalipse indicativa dos “Santos”, a quem o Cordeiro dará de beber a água viva (Ap 21,6-7), o texto de Leão XIII prossegue narrando a vida de Antonio Maria Zaccaria e as instituições dos Barnabitas e das Angélicas, além dos milagres que puderam conduzir o Cremonense à glória dos altares.

A canonização do Fundador dos Barnabitas ocorreu muitos anos depois de sua morte (1539) e após diversas peripécias, em grande parte devido a acontecimentos históricos envolvendo a Congregação entre os séculos XVII e XIX, e em parte também aos obstáculos encontrados no caminho da beatificação e da canonização em razão dos primeiros exórdios carismáticos das fundações de Zaccaria, de que a Inquisição da época teve que se ocupar (sobretudo pelo comportamento da angélica Paula Antonia Negri).

O processo ordinário iniciou-se em 1802, embora o primeiro passo tenha se cumprido em outubro de 1800, durante o capítulo provincial da Lombardia, por obra de um barnabita que deve ser tido como a alma da futura beatificação de Zaccaria: padre Francesco Fontana (1750-1822), feito cardeal por Pio VII em 1816. A Fontana deve-se juntar o padre Giuseppe Granniello (1834-1896), ele também feito cardeal em 1893, tendo sido muito ativo na última fase processual. A reunião dos documentos sobre Zaccaria (à época, morto há mais de duzentos e cinquenta anos) foi longa e trabalhosa, como foi difícil encontrar todos os testemunhos sobre a vida do futuro beato e santo, por parte dos contemporâneos: foi um enorme trabalho histórico. Grande parte do século XIX transcorreu em contínuos interrogatórios, pesquisa e controle de documentos, exames dos textos mais respeitáveis no campo historiográfico, reconhecimento do corpo, verificação de todos

os ordenamentos prescritos por Urbano VIII e pela Congregação dos Ritos, que então se ocupava dos processos canônicos de beatificação. Todo esse percurso foi por mim reconstruído em Os processos de beatificação e canonização de Santo Antonio Maria Zaccaria (1802-1897). Notas para uma pesquisa, publicada em “Barnabiti Studi”, 14 (1997), pp. 7-148.

Sem entrar no mérito de um longo percurso processual, diremos apenas que os grandes esforços dos Barnabitas foram afinal premiados, pois a figura de seu Fundador saiu dali enriquecida de preciosos contornos de testemunhos contemporâneos e posteriores. Isso induziu Leão XIII a “beatificar” Antonio Maria Zaccaria em 3 de janeiro de 1890, pela via de reintegração do culto, dado que a Congregação dos Ritos já aprovara três milagres do futuro santo. Isso abriu o caminho para a canonização, requerida pelo padre Granniello, com abundância de argumentos canônicos.

Chegou-se, assim, ao consistório de 20 de maio de 1897, durante o qual Leão XIII decretou a canonização de Antonio Maria Zaccaria. Em 27 de maio de 1897, o papa emanou a bula de canonização *Dilectus Domini nostri*, embora, na realidade, essa tenha sido assinada pelo Pontífice e por vinte e três cardeais alguns dias antes.

O documento solene foi preparado pela Postulação dos Barnabitas, percorrendo, em grandes linhas, a vida do Fundador. No texto, estão elencadas todas as fases do processo, assim como a “Memória” apresentada pelo padre Fontana.

Em 27 de maio de 1897, a Basílica de São Pedro foi preparada para a grande cerimônia: sob o radial de Bernini estavam os retratos dos dois futuros Santos: Antonio Maria Zaccaria e Pierre Fourier. A basílica estava iluminada por 950 candelabros e plena de fiéis. Na solenidade, Leão XIII cumpriu o ato formal de canonização. Com efeito, a bula traz a mesma data da cerimônia. Os Barnabitas, a Itália, Cremona em particular (onde Zaccaria nasceu) e toda a Igreja podiam começar a venerar nosso Fundador como Santo – e diríamos um grande Santo – que,

como seu modelo, o apóstolo Paulo, se entregou à Igreja de Cristo até se consumir ainda jovem, deixando uma herança fecunda.

+ Sergio Pagano, B
Bispo titular de Celene
Prefeito do Arquivo Secreto Vaticano
Vaticano, 5 de setembro de 2008



CARTA APOSTÓLICA COM A QUAL SÃO
DECRETADAS AS HONRARIAS DOS SANTOS
AO BEATO ANTONIO MARIA ZACCARIA,
FUNDADOR DOS CLÉRIGOS REGULARES
DE SÃO PAULO E DAS VIRGENS ANGÉLICAS

Leão [XIII] Bispo
Servo dos Servos de Deus
Em Perpétua Memória

O discípulo predileto de Nosso Senhor Jesus Cristo, quando, em êxtase mental divino, viu a nova Jerusalém descer do céu como uma esposa enfeitada para seu marido, ouviu uma voz potente dizendo do alto do trono: “Eu sou o alfa e o ômega, o início e o fim. Àquele que tem sede darei gratuitamente da fonte de água viva. Quem for vitorioso possuirá essas coisas e eu serei Deus para ele, como ele será filho para mim” (Ap 21,2.6-7). Os que venceram, bebendo gratuitamente da fonte da água viva, são santos, tendo o esplendor de Deus e uma luz similar a uma pedra preciosa como a de um jaspe cristalino: a fonte de água viva é Cristo, que salva gratuitamente aqueles que devem ser salvos, sendo frequente o uso do ministério de seus santos para conduzir os predestinados, quantos forem, à nova Jerusalém, naturalmente ao tabernáculo de Deus com os homens, onde secará todas as lágrimas de seus olhos e renovará todas as coisas. (Ap 21,6-7)

Exultem, pois, caríssimos filhos e sigam os exemplos dos novos santos que a Igreja lhes propõe e a cujo patrocínio lhes confia, esforçando-se por imitá-los com entusiasmo. Exultem, em particular, vocês italianos, admirando seu conacional Antonio Ma-

ria Zaccaria, que, com enorme amor, olha do céu por vocês, suas famílias e a inteira Itália, a fim de que todos sejam elevados em espírito sobre um monte grande e alto .

Antonio Maria nasceu em Cremona, de família nobre, por volta do final do ano de 1502, do pai Lázaro e da mãe Antonia Pescaroli, mulher de excepcional integridade. Ficando viúva do marido pouco depois do nascimento de Antonio, dedicou-se integralmente à educação do caríssimo filho, de modo que ele se tornasse tal qual Deus o desejasse. Antonio não decepcionou as expectativas maternas. Desde cedo, manifestou todos os costumeiros sinais de uma futura santidade, especialmente o desprezo pelos bens terrenos, o culto da piedade cristã e uma extraordinária caridade pelo próximo. Quanto a isso, se diz que não raro, ainda bem jovem, para socorrer os pobres, se privava das próprias roupas e recusava os alimentos que lhe eram preparados. Estava tão inflamado por um enorme amor pela pobreza cristã que jamais quis usar as roupas de seda ostentadas pelos nobres de sua idade, tendo doado à mãe, com prazer, os bens vindos da herança paterna, para que ela pudesse ser mais generosa com os pobres. Ele mesmo, quase como se fosse o último dos pobres, pedia humildemente à mãe as coisas que lhe fossem necessárias, sempre atento a não pedir ou não receber qualquer coisa que pudesse parecer, mesmo às pessoas mais severas, não apenas supérfluo mas de todo não indispensável.

Educado em casa nos estudos escolares, foi enviado inicialmente a Pavia e depois a Padova para escutar filósofos e médicos. Após completar o curso, com grandes elogios pela inteligência e pelo aproveitamento, distinguido com o diploma da faculdade de medicina, retornou a Cremona, para exercer a profissão de médico. Efetivamente, bastava observar Antonio para que todos o jul-

gassem destinado a atividades mais elevadas, ganhando, já àquela altura, o nome de santo tanto em Cremona, como em Pádua. Sem dúvida, o que Antonio mais desejava era o serviço eclesiástico: mas, como era muito humilde, assustava-se com a seriedade e altura do ministério. Um frade dominicano de nome Marcelo, notável tanto por sua instrução como por sua piedade, quebrou a hesitação e prometeu a Antonio que ele mesmo seria seu mestre nas matérias teológicas. Antonio dedicou-se com tanta paixão e tanto proveito aos estudos sacros que suscitou a admiração do próprio mestre. Cultivou com especial atenção a Divina Escritura e ficou tão entusiasmado com as cartas de São Paulo que o propôs como modelo seja na doutrina, seja nos exemplos de vida, pedindo que ele fosse seu grande intercessor junto a Nosso Senhor Jesus Cristo.

E Paulo não decepcionou seu protegido. Com efeito, Antonio ainda não depusera as vestes seculares, mas já aparecia para os Cremonenses tão grande no desempenho do sagrado apostolado que esses desejavam muitíssimo que ele fosse distinguido com a ordem do sacerdócio, tanto para que os benefícios de seu desempenho encontrassem maior difusão, quanto para que os homens voltassem a olhar com admiração para a dignidade sacerdotal – praticamente desprezada, por causa da propagação do vício –, dando-lhe o respeito merecido. Tampouco essa expectativa se frustrou. Ao contrário, pareceu que o próprio Deus quisesse confirmá-la com um prodígio. Com efeito, por ocasião da primeira celebração de Antonio, aconteceu algo extraordinário, dignando-se Deus a mostrar o quanto lhe agradava sua função de ministro. Durante a santíssima elevação da hóstia, surgiu circundado por um grande esplendor, parecendo que uma fileira de anjos o rodeava com reverência, até ele assumir aspectos sagrados. Tal prodígio

confirmou tanto a reputação de Antonio junto aos homens, quanto sua humildade e seu pungente desejo de se dedicar ao Cristo Redentor para salvação de todos.

Mas, não é de todo necessário passar especialmente em resenha o ardor da caridade com que ele opera tanto nas necessidades espirituais como temporais dos Cremonenses. Com efeito, os mais renomados historiadores de Cremona afirmam unanimemente que a casa do beato Antonio tornou-se refúgio das misérias, enquanto seu peito era o asilo da compaixão. Daí os Cremonenses passarem a denominá-lo o próprio anjo, assim o chamando toda vez que iam até ele, para escutar suas palavras, para aliviar a consciência, para um conselho, ou uma ajuda. Por isso, aconteceu de ele ser denominado também pai da pátria, sendo considerado pela opinião pública – e o era – um firme garantidor da religião, dos bons costumes, da concórdia pública e privada.

Veio-lhe em mente, então, difundir na Itália, ou melhor no mundo, os enormes benefícios colhidos em sua cidade. Mas, não podendo realizar seu projeto sem auxílio de outros, começa a pensar em uma sociedade religiosa que, sob a proteção da Igreja, se dedicasse com todas as forças à reforma do clero e do povo. Desenvolver e levar a bom termo uma tal empresa, tanto mais naqueles tempos desgraçados, era difícilimo: mas, diante dos olhos de Antonio, estava Paulo; ele trazia no coração Paulo, seu patrono. Em nome de Paulo, entre lágrimas e orações, suplicava ao Cristo Crucificado que se mostrasse propício a seus votos. De resto, o Redentor, amantíssimo dos homens, não tarda. Com efeito, chegando a Milão, Antonio encontrou o famoso e seletto grupo de homens, insignes por piedade e conhecimento, chamado Da Eterna Sabedoria, sendo por todos acolhido como se fosse aquele que, finalmente, poderia estabelecer o necessário para enfrentar os gra-

víssimos males que, por toda parte, oprimiam a Igreja e a sociedade cristã. Tendo Antonio feito menção a seu projeto de sociedade, todos aprovaram; e imediatamente dois nobres cidadãos de Milão, Bartolomeu Ferrari e Tiago Morigia, se ofereceram, com ímpeto, para serem seus companheiros, sendo um já sacerdote e o outro digno e muito desejoso de assim se tornar.

Junto com esses companheiros, Antonio, com humildes súplicas, pediu a Clemente VII, de feliz memória, permissão para constituir uma nova família religiosa, com a qual perseguir o objetivo já mencionado, sob a proteção de São Paulo e sua assídua imitação. Clemente acolheu as súplicas com simpatia e, com um breve de 18 de fevereiro de 1533, concedeu a graça requerida. Em 1535, Paulo III, sucessor de Clemente, com nova carta apostólica, confirmou, elogiou e dotou de inúmeros privilégios a sociedade que já crescera. Esses são, portanto, os gloriosos passos iniciais daquela sociedade que São Carlos Borromeu e São Francisco de Sales admiraram, com ela se alegrando. Difundindo-se inicialmente na Lombardia e no sul da França e, em seguida, no resto da Itália e em outras nações, angariou e continua angariando muitos méritos, em relação à Igreja, sendo ainda muito útil à sociedade civil, com a educação cristã e escolar da juventude, dali tendo saído e continuam saindo inúmeros homens insignes nas ciências, especialmente as naturais, cujas necessidade e utilidade, especialmente em nosso tempo, ultrapassam a imaginação.

Não muito tempo depois, Antonio, para prover a educação cristã das meninas, se empenhou em converter em mosteiro o abrigo que a mui piedosa condessa de Guastalla, Ludovica Torelli, fundara em Milão, persuadindo a tal ponto a generosa mulher que ela logo se ocupou de requerer à Sede Apostólica a permissão para tal. O sumo pontífice Paulo III, com um breve de 1535, deferiu a

súplica, assim nascendo os famosos mosteiros das virgens sagradas, a que se deu o nome de Angélicas. Com efeito, tendo Antonio concedido àquelas irmãs a permissão de escolherem um nome para serem chamadas, uma delas, como por inspiração divina, exclamou que ao grupo de virgens se ajustaria o nome de Angélicas. Tendo todas o aprovado com entusiasmo, foi prontamente assumido como denominação, com a promessa de levarem uma vida digna de tal nome.

Os mosteiros das irmãs Angélicas, providos por Antonio com sábios regulamentos, em pouco tempo adquiriram tal estima que se tornaram exemplo para a reforma das ordens de outras virgens sacras. São Carlos Borromeu tinha as irmãs Angélicas em tão grande consideração que costumava chamá-las “a joia mais preciosa de sua mitra”. As regras que governavam as Angélicas e todo o funcionamento da instituição foram de grande utilidade para São Francisco de Sales, naquela admirável fundação de irmãs denominada Visitação da Santíssima Virgem. Pareceu, então, oportuno, a nosso encargo, recomendar os mosteiros das Angélicas, à medida em que julgamos que serão de grande utilidade em nosso tempo. Por isso, exortamos fortemente o bispo de Lodi a reintroduzi-las em sua diocese.

Com tais instituições, Antonio adquiriu enormes méritos junto à Igreja. Para dirigi-las e defendê-las dos detratores, não poucos e poderosos, teve que desenvolver com profundidade cuidados assíduos e enormes. Apesar disso, como se tivesse muito tempo à disposição, dedicou-se, simultaneamente, à reforma do clero e do povo de Milão de tal maneira que, com razão, foi chamado de precursor de São Carlos Borromeu nessa atividade. Em Milão, como já tinha feito em Cremona, proveu não só necessidades das almas, mas também necessidades corporais, inexistindo qualquer

espécie de tribulação e miséria que ele não pensasse em eliminar ou pelo menos aliviar. E não apenas Cremona e Milão receberam os grandes benefícios de Antonio, mas também toda a diocese de Vicenza, para cuja reconstituição e reforma foi chamado pelo cardeal Ridolfi.

Muitos e grandes elogios aos empreendimentos devem ser reportados às virtudes heroicas do ínclito homem, por ele alcançadas e nutridas pela assídua contemplação de Jesus Cristos. Como disse um seu respeitado biógrafo “levando continuamente às partes mais fecundas da alma o que colhera da paixão de Nosso Senhor, como um bocado de mirra, dava exemplo perfeitíssimo de todas as virtudes recebidas do céu, enfrentando e suportando duras provas, pretendendo apenas conseguir corresponder a tal imagem”.

Daí a contínua meditação do beato Antonio sobre as coisas celestes; daí o extraordinário fervor com que celebrava o sagrado rito e o imenso desejo de ampliar o reino de Cristo, dizendo-se, com base em documentos fundamentados, que teria sido o primeiro a levar a adoração da hóstia divina até o solene tríduo, como ainda hoje; daí a dulcíssima piedade em relação às Virgens, através das quais Cristo crucificado quis ser amado; daí uma incrível penitência unida a uma inocência digna de um anjo; daí uma enorme humildade, pela qual se lançava entre os mais míseros dos pecadores. Cristo se dignou adornar e elevar uma virtude tão grande, ainda na terra, com dons e carismas espantosos.

Mas, a essa altura, um prêmio imortal esperava Antonio, ainda na flor da idade. Convocado a Guastalla, dilacerada por gravíssimos dissídios, a fim de que lhe levasse a paz, foi colhido por uma grave doença. Pensa em Milão e aos seus, mas, já moribundo, prefere ser levado a Cremona, cidade mais próxima. Ali, abraçado por sua piedosa mãe, sobre quem previu que dentro em breve

seria levada ao céu, revelando, dentre as lágrimas versadas pelos companheiros, os futuros acontecimentos de sua congregação, e reerguido, como afirmam autores dignos de fé, pela visão e conforto de São Paulo, recebeu todos os sacramentos da Igreja com grande paixão e humildade e, na mais ampla serenidade, como se já estivesse saboreando as alegrias do céu, morreu em 5 de julho de 1539, aos 37 anos.

Com grande consenso do clero, toda a população imediatamente venerou o morto Antonio entre os beatos celestes. Desde esse momento (começou) o extraordinário culto de suas relíquias. Desde esse momento, suas imagens, fulgurantes de raios e auréolas, foram expostas nos altares. Desde esse momento, o constante título de beato foi atribuído a Antonio, não apenas na Lombardia e na Itália, mas também nas regiões mais nobres da Europa. Mas, 95 anos depois de sua morte, com a promulgação dos tão célebres decretos de Urbano VIII, a Congregação dos Clérigos de São Paulo julgou dever se abster daquele culto, embora pudesse parecer que nenhum artigo dos decretos de Urbano VIII dissesse respeito a ele. Prevaleceu, porém, a suma obediência à Santa Sé. Tal fato tanto mais deve ser dito como elogio aos Barnabitas pelo fato de que a nobilíssima causa poderia ter sido tratada, certamente com dificuldade, *per viam*, como se diz, *non cultus*. Mas, tendo nosso predecessor de ínclita memória, Bento XIV, utilmente estabelecido que, nas causas antigas, poderiam ser acolhidas também as provas subsidiárias, os Barnabitas fizeram todos os seus próprios estudos para instruir, com grande abundância de provas dos fatos, a principal causa de sua Ordem. Mas, devido aos tempos difíceis, a inquisição ordinária não pôde ser tratada até 1808, quando, finalizada, finalmente, Pio VII, de venerada memória, no ano seguinte, formou a comissão da causa. Felizmente cumpridas todas as for-

malidades estabelecidas por lei, foi realizada a investigação sobre as virtudes, que nosso predecessor, de feliz memória, Pio IX, declarou heroicas em 2 de fevereiro de 1849, enquanto se encontrava exilado em Gaeta, em razão dos movimentos revolucionários.

Nesse meio tempo, enquanto os devotíssimos filhos do beato Antonio preparavam o debate que em breve se faria sobre os milagres, foram emanados alguns decretos pela Sacra Congregação, segundo os quais se reintegrava o culto do beato Marinoni dos clérigos Teatinos, como também o dos beatos mártires Jesuítas Azevedo e seus companheiros, e finalmente o dos famosos heróis que, na Inglaterra, fizeram resplandecer, com seu próprio sangue, a Igreja de Cristo. A essa altura, pareceu oportuno aos Clérigos Regulares de São Paulo que coubesse a eles prover, pelas mesmas razões, a glória de seu próprio fundador. Assim, com enorme alegria de ânimo, conseguiram junto à Sacra Congregação dos Ritos que se tratasse da retomada de seu culto. A Sacra Congregação concordou e Nós aprovamos, com muita simpatia, sua decisão, através do decreto de 3 de janeiro de 1890, estabelecendo que Antonio Maria fosse incluído entre os beatos. No ano seguinte, os Clérigos de São Paulo se puseram a renovar a causa da Canonização, pedindo que os milagres propostos para sua beatificação pudessem ter validade também para a canonização. Aprovados ambos os requerimentos pela Sacra Congregação, Nós, em 13 de maio de 1891, firmamos, de nosso punho, a formação da comissão para a retomada da causa do beato Antonio Maria Zaccaria, ao mesmo tempo consentindo que os milagres obtidos de Deus por intercessão do beato, após 1849, pudessem ser propostos para a própria canonização.

Foram, pois, três os milagres propostos para tal fim. O primeiro ocorreu na arquidiocese de Bolonha em 1876 a um certo Vincenzo Zanotti, agricultor. Esse, aos 20 anos de idade, começou

a sofrer de varizes na perna esquerda. Às varizes seguiu-se uma ulceração, particularmente atroz, durante o verão. Era tão dolorosa que Vincenzo não podia se dedicar a nenhum trabalho. Após alguns anos, mostrou a perna a um médico, buscando tratamento, mas ele disse que não existia qualquer remédio que pudesse derrotar a doença, pois essa derivava de uma má predisposição hereditária, por isso, tendo o médico prescrito apenas alguns paliativos para contê-la e aliviá-la. No entanto, embora de forma alternada, a doença tornou a se agravar até que, já tendo o doente chegado à velhice, tornou-se excepcionalmente grave, parecendo que a gangrena era iminente. Vincenzo, então, se entregou à intercessão do Beato Antonio e, para ter êxito, começou orações de nove dias, ao término dos quais se sentiu melhor, vendo que a úlcera estava cicatrizando. Acrescentou outros três dias de oração, terminados os quais lhe retornaram as forças, sentindo-se novamente disposto a se dedicar, com ímpeto, aos pesados trabalhos do campo, para júbilo de seus parentes e amigos. Uma sólida cicatriz testemunhava que a praga se curara.

O outro milagre ocorreu em Cremona em 1873. Paola Aloni jamais tivera que se lamentar de seu estado de saúde até chegar aos 15 anos de idade. Então, começou a ser atingida por uma doença bastante grave e de difícil diagnóstico, que os médicos denominaram “reumatismo nervoso”. Os sintomas eram contrações dos nervos, dores terríveis por todo o corpo e eventualmente febre. Assim, se manifestou uma inchação de péssima natureza na garganta e, depois, sob as axilas. Removida por via cirúrgica, a doença precedente se fez mais atroz e Paola foi forçada a permanecer na cama, incapaz de caminhar. Uma febre altíssima; dores em todos os membros, particularmente intoleráveis na cabeça, na nuca e nos rins; ataques de vômito; desmaios; delírios; sufocamentos.

“Espinite” diagnosticaram os médicos, não só incurável, mas que não se sabia nem ao menos como aliviar. A desgraçada mulher transcorreu 7 anos naquele estado, consumida por uma tal magreza que estava pele e osso, quando seu confessor, o Reverendo Carlo Crotti, tendo ouvido falar dos milagres do venerável Antonio Zaccaria, lhe deu uma imagem e algumas relíquias, induzindo-a a bem esperar, de modo que a mulher, cheia de confiança, iniciou os nove dias de orações. Não atendida, não perdeu a confiança e rezava continuamente, certa de que, ao final, Antonio a atenderia. A essa altura, fora-lhe ministrada a extrema unção e, corroborada pelas bênçãos da Igreja, e parecia estar próxima da morte, quando, tomada por não se sabe qual ímpeto, tentou se levantar da cama. Feliz tentativa! Com efeito, subitamente recuperadas as forças, não só pôde andar, mas também se alimentar com muita comida e nutrientes. A boa saúde, de que jamais gozara nem mesmo antes da doença, durou vários anos.

O terceiro milagre aconteceu com Francesco Aloni, irmão de Paola. Esse menino, em tenra idade, foi acometido de herpes, de inflamações cerebrais, que ofuscaram sua capacidade mental, e outras doenças que lhe deformaram totalmente o corpo. Com quarenta e cinco anos, caindo sobre a perna direita, fraturou-a. Graças aos tratamentos contínuos se restabeleceu, mas, na mesma perna, formou-se uma inchação que, inicialmente, resultou em uma praga, depois se tornando uma terrível ulceração. Internado em um hospital de Cremona, por duas vezes, teve alta, como doente crônico e incurável. Sobreveio a osteoperiostite. Então, abandonado por todos, pediu ajuda à irmã Paola. Essa, tendo bem presente em sua mente o venerável Antonio, que a socorrera quando estava próxima da morte, exortou o irmão a manter-se em bom ânimo e rezar com confiança ao venerável Antonio por nove dias. Frances-

co obedeceu, tendo Paula colocado sobre sua perna as relíquias do venerável. Terminados os nove dias de oração, curou-se de todo.

Considerados esses milagres, isto é, a imediata e perfeita cura de Vincenzo Zanotti de uma antiga e insanável úlcera na perna esquerda; de Paola Aloni de uma doença crônica e incurável da espinha dorsal e, finalmente, do cremonense Francesco Aloni de uma crônica e antiga ulceração na perna direita, examinados por três vezes, conforme a tradição, a primeira na Congregação pré-preparatória reunida em 17 de dezembro de 1895, em seguida, na Congregação preparatória de 10 de setembro de 1896 e, finalmente, na Congregação geral reunida, em nossa presença, aos 14 de janeiro do corrente ano; ouvidas as sentenças de nossos veneráveis irmãos cardeais da Santa Igreja Romana, além dos consultores; após invocar a luz divina, Nós, em espírito de humildade, em 14 de fevereiro, domingo da septuagésima, solenemente proclamamos o *Constare* sobre os três referidos milagres.

Restava a colocação da dúvida, nos comícios gerais da Sacra Congregação dos Ritos, sobre se seria possível proceder com segurança no sentido da solene canonização do Beato Antonio Maria Zaccaria. Opunha-se o decreto de 23 de abril de 1741, segundo o qual se dispôs que, nas causas em que as virtudes não fossem sufragadas por provas diretas, seria necessário discutir quatro milagres. Mas, Nós, considerando a nobreza da causa e a dignidade de que goza o Beato, enquanto fundador de Ordem ilustre e bastante meritória para a Igreja, isentamos os Postulantes da apresentação do quarto milagre. Portanto, em 23 de fevereiro do corrente ano, após escutar, com grande boa vontade, as sentenças de nossos veneráveis irmãos cardeais da Santa Igreja Romana, bem como dos consultores; invocando novamente a ajuda divina no primeiro domingo da quaresma, solenemente decretamos que se pudesse

proceder, com segurança, à canonização do Beato Antonio Maria.

Concluídos esses procedimentos, seguindo, com muito boa vontade, a tradição, quer conforme os dispositivos dos antigos, quer seguindo os exemplos de nossos predecessores, e ainda, para aumentar a solenidade de tão grande evento, no Consistório secreto, reunido em 19 de abril do corrente ano, convocamos todos os cardeais da Santa Igreja Romana, requerendo seus pareceres. Após nosso dileto filho, cardeal Gaetano Aloisi-Masella, prefeito da Congregação dos Sacros Ritos, com breve mas preciso discurso, falar das façanhas, virtudes e milagres do beato Antonio, bem como da série de atos, os mesmos responderam, aprovando, de modo extraordinário, que fossem tributados a homem tão importante as honrarias dos santos. Então, convocado um consistório público, no mesmo dia, o dileto filho Baldassare Capogrossi-Guarna, advogado de nossa sala consistorial, com elegância, discursa em favor da canonização do referido beato, humildemente suplicando que Nós chegássemos a ela. Portanto, tendo diante dos olhos a seriedade e grandeza dos fatos, Nós julgamos que fosse necessário ainda insistir, com orações e jejuns, a fim de que Deus tão benevolente se dignasse fazer resplandecer sobre nossa mente a luz de seu esplendor, guiando-a em sua vontade. Cuidamos, assim, para que, com uma carta enviada pela Sacra Congregação do Concílio, não apenas os veneráveis irmãos bispos mais próximos, mas também os mais distantes, no devido respeito da situação, fossem informados desse fato e se dirigissem a Roma, a fim de manifestarem, com a invocação do Divino Espírito, seu próprio parecer sobre a canonização do beato Antonio Maria e do beato Pietro Fourier, que associamos a ele. Vindo muitíssimos deles de todo o mundo, plenamente conhecida a causa, seja com base nas providências tomadas em nossa presença, seja com base nos documentos da Sacra

Congregação dos Ritos, exemplares dos quais determinamos que fossem entregues a cada um deles, reuniram-se em um consistório semipúblico, em nossa presença, no dia 20 de maio. Não só os nossos veneráveis irmãos cardeais da Santa Igreja Romana, mas também os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos, com parecer unânime, nos convidaram a aprovar tal canonização. As atas do sucedido, redigidas em forma pública pelos diletos filhos tabeliães da Sé Apostólica, foram depositadas no arquivo da Sacra Congregação dos Ritos.

Para a solene celebração dessa canonização, estabelecemos o dia 27 de maio, em que se comemora Jesus autor da salvação humana, alegria dos corações, fundador do mundo redimido, vencedor em nobre triunfo, sentado à direita do Pai. Estabelecidos os jejuns e indicadas as igrejas para obtenção das sacras indulgências, convidamos todos os cristãos a comparecerem a tão grande solenidade, com ânimo adequadamente preparado para receber a generosa abundância dos benefícios celestes.

Além disso, pareceu oportuno, para satisfazer tanto os desejos dos inúmeros fiéis, quanto para engrandecer a majestade do rito, que esse fosse celebrado no maior templo de todo o mundo, conforme antiquíssima tradição que a maldade dos tempos e a tão dolorosa prisão do vigário de Cristo constrangeram a interromper. Com efeito, perdurando essa prisão por um imperscrutável juízo de Deus, estimamos não inoportuno que os fiéis, diante do próprio sepulcro dos santos apóstolos, redobrassem as orações mais fervorosas, a fim de que Deus se dignasse, finalmente, a converter os inimigos da Santa Igreja ou a humilhá-los.

Quando chegou, então, o felicíssimo dia estabelecido, todas as Ordens do clero, seculares ou regulares, prelados e oficiais da cúria romana, todos nossos veneráveis irmãos cardeais da San-

ta Igreja Romana, os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos se reuniram, em número montando a cerca de trezentos, e Nós, precedidos por eles, entramos na Basílica Vaticana, magnificamente ornada para a solene celebração. Então, nosso dileto filho, cardeal Gaetano Aloisi Masella, prefeito da Sacra Congregação dos Ritos, encarregado de dirigir a cerimônia da canonização, enquanto o dileto filho Baldassarre Capogrossi-Guarna, advogado de nossa sala consistorial, discursava, trouxe os votos e as orações dos sacros prelados e de toda a Ordem dos Barnabitas e das Irmãs Angélicas, a fim de que condecorássemos o Beato Antonio Maria com a honraria dos santos. Insistindo calorosamente, duas a três vezes com os mesmos votos e orações, Nós, após invocarmos humildemente a luz do Divino Espírito, por honra da Santa e Indivisível Trindade, para crescimento e dignidade da fé católica, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e Nossa, em seguida a uma oportuna deliberação e voto de nossos veneráveis irmãos cardeais da Santa Igreja Romana, por decisão dos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos, declaramos o referido sacerdote Antonio Maria, fundador dos Clérigos Regulares de São Paulo e das virgens Angélicas, um Santo confessor.

A esse mesmo decreto associamos Pietro Fourier de Matincourt, sacerdote de Lorena, geral e reformador da Congregação dita de Nosso Salvador, da Ordem dos Canônicos Regulares de Santo Agostinho e fundador das monjas da Congregação de Nossa Senhora e da regra do referido Santo Agostinho, ele também insigne pela glória de virtudes e milagres.

Estabelecemos ainda que a recordação de Santo Antonio Maria Zaccaria fosse fixada, todo ano, no martirológio, em 5 de julho, concedendo perpetuamente a todos os fiéis, que no referido dia venerem seus restos mortais, uma indulgência de sete anos e

mais quarenta dias. Rendendo graças humildemente a Deus, nosso maior bem, em nossa presença, estabelecemos que nosso venerável irmão Luigi Oreglia, bispo de Ostia e Velletri, Decano do Sacro Colégio, celebrasse o sacro rito. Após a leitura do Evangelho, Nós nos voltamos para o clero e o povo, exortando-os com força a implorar, com plena confiança, a intercessão dos santos apóstolos Pedro e Paulo e dos novos santos, especialmente para as necessidades da Igreja. Em seguida, distribuída, com enorme afeto de coração, a indulgência plenária a todos os assistentes, dispomos que essa carta apostólica, assinada por nosso punho e pelos cardeais da Santa Igreja Romana, fosse expedida com o selo de chumbo.

Caríssimos filhos, vocês ouviram falar pelo dileto apóstolo sobre quais e quão grandes sejam as alegrias da nova Jerusalém, preparadas por Cristo para os vencedores; para aqueles que, certamente, revestindo-se do próprio Cristo, reportaram o triunfo sobre o mundo, a carne, os poderes das trevas, oferecendo os próprios corpos como sacrifício vivente, santo e agradável a Deus, e para aqueles que não quiseram se conformar com a mentalidade desse século, reconhecendo a vontade de Deus boa, agradável e perfeita (cf Rm,12,1-2). Mas, os vis e os incrédulos, os desprezíveis, os assassinos, os imorais, os envenenadores, os idólatras e todos os mentirosos, uma parte dos quais estará na caldeira ardente entre o fogo e o enxofre (cf Ap 21,8).

Entendam, pois, caríssimos filhos, que a caldeira ardente de fogo e enxofre representa não só uma parte dos incrédulos, dos desprezíveis, dos assassinos, dos imorais, dos mentirosos, mas também dos vis. Por isso, para que a vitória nos guie para a conquista do monte grande e alto convém que lutemos contra o mundo não com reflexões vãs e desejos estéreis, mas com toda a mente, com todo o coração e com todas as forças; sem nada dis-

simular, sem ter medo de nada e estimando a própria morte como um prêmio grande e suave, quando tivermos que enfrentá-la pela verdadeira liberdade e dignidade de nossa alma, por Cristo, pelos direitos e as leis da Igreja.

Por toda parte combate-se uma guerra sem tréguas contra esses santíssimos e augustos nomes e coisas: na Itália, digo, onde Cristo tem a sede principal de seu reino, homens sacrílegos se vangloriam a tal ponto de ter redimensionado, sem se envergonharem de celebrar uma ação nefanda com um solene rito civil, como os maiores orgulhos da pátria, ou ainda do gênero humano, perenizando-o com um monumento gigantesco erguido ao lado da cruz abatida. Que venha Deus, nosso maior bem, e com a intercessão de Santo Antonio Maria sustente a nossa causa: sustente seus empreendimentos, vocês que estão dentre os mais nobres dos Italianos, que combatem, com enorme coragem, por Cristo e pela Igreja, e arrastados pelos erros dos ímpios não vacilam em sua firmeza CF 2Pd 3,17).

Examinadas, pois, atentamente todas as coisas que deveriam ser avaliadas, com base em um conhecimento certo e a plenitude de nossa autoridade, confirmados todo e cada um dos dispositivos estabelecidos, reforçando-os e mais uma vez determinando e anunciando a toda a Igreja católica, prescrevemos que as transcrições da presente carta, como também seus exemplares impressos, assinados de próprio punho por tabelião e confirmados pelo selo de um homem revestido de função eclesiástica, tenham a mesma autoridade dessa nossa presente carta, no caso de ser exibida e mostrada. Se alguém ousar rasgar ou, com temerária audácia, se opuser ou corromper essa página de nossa definição, decreto, comando, concessão e vontade, saiba que irá ao encontro da indignação de Deus Onipotente e de seus Santos Apóstolos Pedro e

Paulo.

Dado e passado em Roma, em São Pedro, no ano da encarnação do Senhor de 1897, em 27 de maio, vigésimo ano de nosso pontificado.

+ Eu, Leão, Bispo da Igreja Católica

(Rota)

+ Eu, Luigi, bispo de Ostia e Velletri, cardeal Oreglia de S. Stefano, Camerlengo da Santa Igreja Romana e Decano.

+ Eu, Lucido Maria, bispo de Porto e S. Rufina, cardeal Pároco.

+ Eu, Serafino, bispo de Frascati, cardeal Vannutelli.

+ Eu, Mario, bispo di Sabina, cardeal Mocenni.

+ Eu, Isidoro, bispo di Albano, cardeal Verga, Penitenciário Maior.

+ Eu, Camillo da Companhia de Jesus, bispo di Palestrina, cardeal Mazzella.

+ Eu, Mieczyslaw, protopresbítero titular de S. Lorenzo in Lucina, cardeal Ledochowski.

+ Eu, Gaetano, presbítero titular di S. Praxedes, cardeal Aloisi-Masella.

+ Eu, Mariano, presbítero titular de S. Cecilia, cardeal Rampolla.

+ Eu, Vincenzo, presbítero titular de S. Silvestre in Capite, cardeal Vannutelli.

+ Eu, Angelo, presbítero titular de SS. Bonifacio ed Alessio, cardeal Di Pietro.

+ Eu, Francesco, presbítero titular de S. Maria in Araceli, cardeal Satolli.

+ Eu, Jerônimo Maria dos Carmelitas Descalços, presbítero titular

de S. Maria della Scala, cardeal Gotti.

+ Eu, Domenico Maria, presbítero titular de SS. Marcellino e Pietro, cardeal Iacobini.

+ Eu, Antonio, presbítero titular de SS. Nereo ed Achilleo, cardeal Agliardi.

+ Eu, Domenico, presbítero titular de S. Prisca, cardeal Ferrata.

+ Eu, Serafino, presbítero titular de S. Maria sopra Minerva, cardeal Cretoni.

+ Eu, Teodolfo, primeiro diácono de S. Lorenzo in Damaso, cardeal Mertel, Vice-Chanceler da Santa Igreja Romana

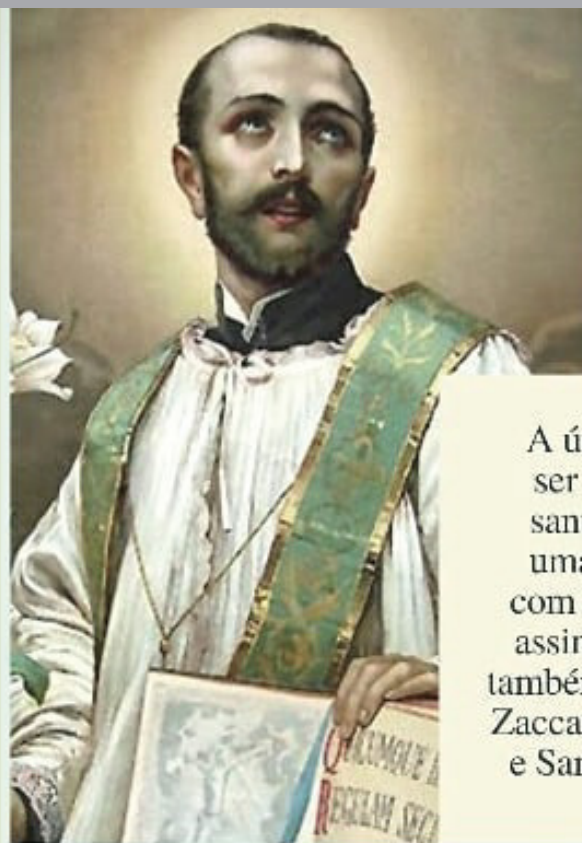
+ Eu, Luigi, diácono de S. Maria in Via Lata, card. Macchi.

+ Eu, Andreas da Companhia de Jesus, diácono de S. Agata alla Suburra, cardeal Steinhuber.

+ Eu, Francesco, diácono de S. Maria in Portico, cardeal Segna.

+ Eu, Raffaele da Ordem dos Frades Pregadores, diácono de SS. Cosma e Damiano, cardeal Pierotti.

+ Eu, Giuseppe, diácono de S. Cesareo in Paialio, cardeal Prisco.



*123 anos da
Canonização de
S. Antonio Maria
Zaccaria*

*27 de maio de 1897
Papa Leão XIII*

A única maneira para o ser humano alcançar a santidade, é cultivando uma amizade autêntica com o Espírito Santo. Foi assim na vida de todos, e também para Antônio Maria Zaccaria, médico, sacerdote e Santo. É assim pra você também.

**Pai Fundador dos Padres
Barnabitas e das Irmãs Angélicas**



